



EDUCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGO POSSÍVEL?

EDUCAR EN TEMPOS DE LA PANDEMIA: ALGO POSIBLE?

EDUCATING IN PANDEMIC TIMES: IS IT SOMETHING POSSIBLE?

Ivan FORTUNATO¹
Milagros Elena RODRIGUEZ²
Osmar Hélio Alves ARAÚJO³

RESUMO: Este artigo, escrito na forma de um ensaio, retrata parcialmente o momento vivido como docentes durante a pandemia da covid-19. O texto se apresenta em três instâncias: (1) Recupera-se o início do isolamento social como momento de ruptura de um crescente desenvolvimento pedagógico realizado por uma perspectiva (automeada) progressista; (2) Lamenta-se o presente vivido de excessivo trabalho remoto em prol de uma resposta imediatista de manutenção de *status quo*; (3) Assenta-se sobre um futuro de esperança a partir de uma visão otimista, utópica e sonhadora de Paulo Freire, mas que poderia muito bem revelar-se no devir da educação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Ensino emergencial remoto. Paulo Freire.

RESUMEN: Este artículo, escrito en forma de ensayo, retrata parcialmente el momento vivido como docentes durante la pandemia del covid-19. El texto tiene tres momentos. (1) El inicio del aislamiento social se recupera como una época de ruptura de un desarrollo pedagógico creciente llevado a cabo desde una perspectiva progresista (autoproclamada). (2) Se lamenta el momento del trabajo remoto excesivo a favor de una respuesta inmediata para mantener el *statu quo*. (3) Se basa en un futuro de esperanza basado en una visión optimista, utópica e onírica de Paulo Freire, pero que muy bien podría revelarse en el futuro de la educación escolar.

PALABRAS CLAVE: Formación docente. Enseñanza remota de emergencia. Paulo Freire.

ABSTRACT: This article, written in the form of an essay, partially portrays the moment lived as teachers during the covid-19 pandemic. The text has three moments. (1) The beginning of social isolation is recovered as a time of rupture of a growing pedagogical development carried out from a progressive (self-appointed) perspective. (2) The moment of excessive remote work

¹ Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – SP – Brasil. Coordenadoria de Formação Pedagógica. Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP). Doutorado em Geografia (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

² Universidad de Oriente (UDO), Cumana – Venezuela. Departamento de Matemática. Doctorado en Enseñanza de la Matemática. Doctorado en Innovaciones Educativas (UNEFA Chuao) y Doctorado en Patrimonio Cultural (ULAC) – Caracas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0311-1705>. E-mail: melenamate@hotmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB – Brasil. Doutorado em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3396-8205>. E-mail: osmarhelio@hotmail.com





in favor of an immediate response to maintain the status quo is regretted. (3) It is based on a future of hope based on an optimistic, utopian and dreamy vision by Paulo Freire, but which could very well reveal itself in the future of school education.

KEYWORDS: *Teacher training. Remote emergency teaching. Paulo Freire.*

Começando

Um país desigual, com problemas historicamente construídos, sujeito às mazelas do desgoverno estrutural pode ter uma Educação que o ajude a se libertar do passado e construir um novo futuro? (BIZELLI; SANTOS CRUZ; BIZELLI, 2021, online).

A contundente pergunta problematizadora apresentada na ementa deste dossiê dá origem a este ensaio. Aqui, busca-se retratar parcialmente o momento vivido pelos docentes durante a pandemia da Covid-19 e o consequente isolamento social provocado por questões sanitárias de manutenção da saúde e da vida. O isolamento, no Brasil, começou em meados de março de 2020 numa previsão inicial de duas semanas de paragem das atividades presenciais como estratégia de achatamento da curva de contágio e regresso à normalidade da vida. Bem, estamos em meados de 2021, portanto, é seguro dizer que o prognóstico inicial estava errado e que estamos vivendo algo inédito, perverso e imprevisível. Não há sabedoria humana capaz de nos dar respostas. Há apenas perdas; de vida, de saúde, de empregos, de humanidade.

Cá estamos, isolados, tentando dar continuidade à vida. Ao mesmo tempo, nosso modelo de sociedade quer se manter. Não podemos parar de produzir, de consumir, de ensinar e aprender. Claro que não. Estamos assentados sobre um *status quo* social que é, ao mesmo tempo, opressor, selvagem e frágil. Ou se mantém a produção e consumo em ritmos elevados, explorando a natureza e a força humana de trabalho, ou tudo colapsa. Por isso, um vírus mortal não deve ser motivo suficiente para pôr fim a tal estrutura. É melhor convalescer que se dar a oportunidade a um futuro desconhecido.

Pois bem, Noam Chomsky (2020, p. 27, tradução nossa⁴) nos disse: “Nos encontramos em um momento extraordinário, um momento único na história da humanidade, um momento que é ao mesmo tempo um presságio sinistro como a esperança promissora de um futuro melhor”. Fica, então, a pergunta: onde se esconde tal esperança, que não se quer se fazer presente nesta conjuntura sombria?

⁴ Tradução livre do original: “Nos reunimos en un momento extraordinario, un momento único en la historia de la humanidad, un momento que es tanto un presagio ominoso como la prometedor esperanza de un futuro mejor”.





Chomsky (2020, p. 27, tradução nossa⁵) vai um pouco mais a fundo e registra o seguinte: “Estamos em um momento de confluência de diferentes crises de extraordinária gravidade, diante da qual o destino da vida humana está literalmente em jogo”. Frente a frente com essa confluência, surge outra pergunta: seguiremos o caminho que já está posto pelo capitalismo neoliberal que coloniza, oprime e explora a vida, ou tomaremos outro, desconhecido, mas que poderá trazer a experiência de um mundo melhor?

Este texto propõe um mergulho nessas questões. Não traz respostas, apenas reflexões, inquietações e mais indagações. O lugar de fala não é outro senão a Educação. É preciso abordar o envolvimento (in)direto com educandos, com os modelos emergencialmente remotos, com o sentido da educação e da docência. É preciso, também, falar do que incomoda no mundo, especialmente aquilo que fatiga, angustia e nos afasta dos afetos, das emoções e da própria humanidade que deveria nos tornar mais solidários.

Tudo isso é feito em três instâncias: (1) Recupera-se o início do isolamento social como momento de ruptura severa do modelo pedagógico vigente; (2) Lamenta-se o presente vivido de excessivo trabalho remoto em prol de uma resposta imediatista de manutenção de *status quo*; (3) Assenta-se sobre um futuro de esperança a partir de uma visão otimista, utópica, sonhadora de Paulo Freire, mas que poderia muito bem revelar-se no devir da educação escolar.

Ao final, tem-se a expectativa que todas as observações, reflexões, argumentações cá trazidas ajudem a (re)pensar a educação – nos tempos emergenciais da pandemia e futuros – e a (re)ligar a humanidade com a própria humanidade. Essa é a esperança.

Início da pandemia: momento de isolar-se

Ao final do ano de 2019, entramos em sinal de alerta sanitário em decorrência da descoberta de um novo vírus, cuja incidência inicial ocorreu na cidade de Wuhan, na China. Tal vírus, nomeado Covid-19, rapidamente se espalhou pela Europa e o aparecimento de novos casos no Brasil sucedeu, de forma mais prevalente, a partir do mês de março de 2020, causando impacto por seu grande poder de transmissão e pela elevada taxa de mortalidade. Foi nessa época que ganharam terreno no nosso país medidas para incentivar alguns cuidados de higiene, como lavagem frequente das mãos e uso de álcool em gel, bem como para propor distanciamento social visando conter o avanço da doença. Além disso, locais que geram aglomeração de pessoas foram rapidamente orientados a restringirem ou cancelarem suas atividades, sendo que as escolas e universidades foram alguns dos primeiros espaços a seguirem essa orientação, demonstrando preocupação com o cuidado de si e dos outros. (CHARCZUK, 2020, p. 2).

⁵ Tradução livre do original: “Nos encontramos en un momento de confluencia de distintas crisis de extraordinária gravedad, ante las que el destino del experimento humano está literalmente en juego”.





Embora relativamente recente, com cerca de um ano e alguns meses de existência, precisar o início da pandemia da covid-19 é algo bastante complexo. O que temos são lembranças, no Brasil, de um mês de março conturbado em 2020, conforme lemos na epígrafe, no qual sofremos grande impacto com a chegada de um “tal vírus”, cujos efeitos negativos no organismo humano foram qualificados por aí⁶ como uma “gripezinha”, mesmo tendo levado a óbito mais de 400 mil vidas no país em um período aproximado de um ano⁷.

A epígrafe também menciona as medidas profiláticas do uso do álcool em gel para higienizar as mãos, embora seja omissa ao retratar que o produto logo desapareceu das prateleiras dos estabelecimentos comerciais, não apenas pelo evidente aumento da demanda, mas porque as pessoas queriam fazer grandes estoques particulares, além de várias reportagens retratando a alta dos preços⁸. Ou seja, o que poderia ser profilático tornou-se objeto de consumismo e de oportunidades de lucro, sendo necessária intervenção dos órgãos fiscalizadores para tentar mitigar tal resposta individualista por parte das empresas e da população. O mesmo aconteceu com máscaras de proteção, cujos estoques logo se reduziram a zero e o preço ampliou-se às alturas. Em síntese, “as medidas para incentivar alguns cuidados de higiene” expressas na epígrafe não tiveram um início muito promissor, tendo a reposição e o valor dos produtos se estabilizado algumas semanas depois.

Por fim, voltando novamente à epígrafe, encontramos o distanciamento social como mais uma estratégia para “conter o avanço da doença”. O bordão #FiqueEmCasa logo se proliferou pelas redes sociais e outras formas de mídia, como uma maneira de tentar inculcar a ideia de que o novo vírus era realmente perigoso e que se isolar se tornava a melhor prevenção, pois o contágio é muito fácil, sendo transmitido de pessoa para pessoa pelo ar. As instituições de ensino, como lugares inerentes de aglomeração de pessoas, adotaram os protocolos sanitários de prevenção do contágio e fecharam suas portas. Talvez tal atitude não tenha tido o sentido romantizado apontado na epígrafe de demonstrar “preocupação com o cuidado de si e dos

⁶ Como, por exemplo, nesta reportagem: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 10 abr. 2021.

⁷ Números retirados desta reportagem: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 10 abr. 2021.

⁸ Reportagens que exemplificam o aumento do valor e a falta do álcool em gel no início da pandemia, em 2020: <https://invest.exame.com/mf/preco-do-alcool-gel-subiu-ate-590-diz-procon-sp> e <https://noticias.r7.com/economia/alcool-gel-a-preco-de-custo-vai-demorar-para-chegar-ao-consumidor-26032020>. Acesso em: 10 abr. 2021.





outros”, pois seguiram as determinações legais⁹ de prevenção ao contágio do vírus. Obviamente, a opção por seguir os decretos de fechamentos das escolas foi assentida por causa do cuidado à vida.

Não obstante, assim como a proliferação do vírus, fechar as escolas foi algo repentino, abrupto e violento. Impossível não se sensibilizar com as palavras de Corrêa e Silva (2020, p. 194) descrevendo este contexto:

A escola passou a ser apenas uma estrutura de concreto ou madeira “sem vida” afinal, o conhecimento não circula, não invade e preenche os espaços destes locais onde o aprendizado era algo ativo e constante, mediado pelas experiências individuais e coletivas que se davam nas relações e cruzamento das falas de estudantes e professores(as). Os livros e materiais pedagógicos continuam marcando seus lugares nas estantes/prateleiras das escolas. Entretanto, não passam de folhas de papel com imagens ou letras/palavras sobre as mais diversas tonalidades, sem os estudantes ou professores(as) de nada servem, para nada servem. Afinal, o conhecimento se dá em meio ao partilhar das experiências [...].

A ruptura do modelo escolar foi necessária, porém severa. Com isso, muitas vidas foram salvas, o que faz com que a medida de restringir o acesso aos prédios escolares tenha sido assertiva. Não podemos perder de vista esse aspecto positivo, pois o objetivo fundamental de tudo o que fazemos deve mesmo ser o de preservação da vida. Nesse sentido, defendemos o isolamento social e a manutenção das escolas fechadas pelo tempo que for, enquanto um retorno seguro não for possível.

Por outro lado, como professores, não conseguimos deixar de lado as perdas que tal ruptura provocou no começo da pandemia e continua provocando por mais de um ano. Vale reproduzir os nove pontos de impacto severo causados pelo fechamento das instituições de ensino identificados por Sobrinho Júnior e Moraes (2020, p. 141):

[...] a interrupção do aprendizado; alimentação escolar; adaptação dos professores a nova realidade tecnológica; pais sem preparação para as atividades em ensino remoto e em casa; desafio na melhoria e manutenção do ensino remoto; lacunas de assistência às crianças; aumento na taxa de evasão escolar; isolamento social das crianças; e, os desafios para validar e medir o aprendizado.

Assim, antes de abordar as questões estritamente do processo de ensino e de aprendizagem, que se dissiparam e se perderam na virtualidade imposta à coisa, é preciso

⁹ No site do Conselho Nacional de Secretários de Educação, por exemplo, é possível verificar todos os decretos e outras normativas adotadas pelas secretarias estaduais de educação em todo território nacional: <https://consed.info/about/>. Acesso em: 10 maio 2021.



destacar que a maior perda disso tudo foi a presença. Sem presença, só temos ausência. Sem presença, a humanidade, que já vinha sofrendo com seu modelo social escolhido (ou decidido por alguns), no qual a individualidade e a concorrência predominam, padece ainda mais pela falta de solidariedade, cooperação e empatia. Isolados, parece que estamos todos contra todos ao invés de todos unidos contra uma doença aniquiladora.

Não há dúvidas, portanto, que a Covid-19 é paradoxal não apenas para o universo da educação escolar. Vimos isso na seguinte afirmação expressa por Silva, Silva Neto e Santos (2020, p. 35):

O isolamento e o distanciamento social, por meio da quarentena tem sido utilizado como uma das formas de prevenção da expansão do vírus, porém, diante dessas medidas, por outro lado, ela reforça a exclusão, a injustiça e o aumento das desigualdades, emergindo em aspectos psicossociais e ocasionando em outros problemas de saúde.

Revelar tal paradoxo se torna fundamental para a compreensão do momento, embora compreender o que se passa não seja suficiente para mitigar seus efeitos. Contudo, podemos inferir que a urgência de querer solucionar a situação específica da educação escolar, centrada na continuidade do ano letivo, do cumprimento do calendário e do currículo formal não deveria ser o foco principal do investimento de tempo e energia das pessoas das instituições de ensino. A vida é que deveria ser priorizada e não a pressa para ver a situação regularizada graças aos recursos da tecnologia virtual que pretensamente são capazes de reproduzir os cotidianos escolares. Quando muito, tais recursos são capazes de reproduzir o tão criticado, porém ainda presente, ensino bancário de depósito de conteúdo, o que nada tem a ver com a educação transformadora pela leitura de mundo preconizada por Paulo Freire (FREIRE, 1990).

Lamentavelmente, não é isso que testemunhamos em nossas instituições e naquelas com as quais temos contato direto. Isso nos leva a constatar que essa proposta de dar continuidade ao universo da educação durante o isolamento da quarentena, como se nada estivesse acontecendo de perverso no mundo, é uma constante ao redor do globo. O foco parece ser, como afirmam Vieira e Secoo (2020, p. 1027), a “adaptação a essa nova realidade”, pois a pandemia “obrigou as instituições educacionais e os professores, em nível mundial, a alterar drasticamente as suas práticas educativas”. Claro que não.

Fato é que a pandemia obrigou o distanciamento social em respeito à vida. O distanciamento exige, portanto, o fechamento das instituições de ensino, que são lugares inerentes de aglomeração humana pela natureza do trabalho que nelas se realiza. O isolamento da quarentena, contudo, não forçou a continuidade do ano letivo, do cumprimento de currículo,



da transmissão de conteúdo e de avaliações regulares por intermédio da tecnologia digital da internet. Foi a própria sociedade, por meio de suas autoridades educacionais, que decretaram tal continuidade; afinal, a pandemia não é motivo suficiente para alterar o *status quo*.

Nesse sentido, portanto, mesmo isolados das instituições de ensino e das salas de aula, tentando entender a situação complicada do mundo, lidando com perdas e com o luto, continuamos nossas aulas e nossos conteúdos. De forma virtual.

Vivendo a pandemia: momento de virtualizar-se

A pandemia por COVID-19 obrigou as instituições educacionais e os professores, em nível mundial, a alterar drasticamente as suas práticas educativas. As circunstâncias nem um pouco ideais que cercaram a transição para o ensino remoto tem permitido a professores e estudantes experimentar contextos comunicativos emergentes. Da sala de aula presencial, estudantes no mundo inteiro, passaram a ter aulas numa sala de aula virtual, de um momento para o outro, sem um preparo prévio, e muitos deixaram de ter qualquer aula (VIEIRA; SECCO, 2020, p. 1027).

Cá estamos, em maio de 2021, ainda vivenciando a pandemia da covid-19. Em alguns lugares do mundo a situação parece controlada, mas o Brasil encontra-se em uma situação bastante caótica, registrando um índice lamentável de mais de duas mil mortes por dia¹⁰. Com relação ao fechamento das escolas, conforme podemos consultar no mapa interativo da UNESCO¹¹, tudo começou ainda em fevereiro de 2020, na China, atingindo o Brasil, por meio do fechamento parcial das instituições de ensino, no dia 16 de março de 2020, e o fechamento completo no dia 30 de março, permanecendo assim até o dia 01 de março de 2021, quando o *status* passou a ser o de “parcialmente abertas”. E assim tem se mantido até a última visualização do mapa em maio de 2021¹².

Pois bem, o fechamento das escolas com o objetivo de evitar contágios pelo novo vírus e, assim, preservar vidas, trouxe junto o ensino emergencial remoto. Como lemos na epígrafe, a aula presencial foi prontamente convertida em aula virtual ou aula nenhuma. A educação escolar passou, prontamente, para a educação remota virtual. Docentes e discentes foram compulsoriamente digitalizados, virtualizando-se.

¹⁰ Como vimos, por exemplo, nesta reportagem: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/10/brasil-registra-1018-mortes-por-covid-e-chega-a-4234-mil-na-pandemia-media-movel-segue-acima-de-2-mil.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2021.

¹¹ Link direto: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 10 maio 2021.

¹² Organizamos, por meio de capturas de tela, o mapa interativo da UNESCO com as alterações sobre abertura e fechamento de escolas no Brasil desde fevereiro de 2021, o qual pode ser acessado neste link: https://drive.google.com/file/d/1mwQm_cEqNypY9x9vJd2Lit3BpXHho4Mk/view?usp=sharing. Acesso em: 10 maio 2021.





Muitos pesquisadores logo se dispuseram a investigar a complexidade da situação, tentando entender o que tudo isso poderia significar. Aparentemente, o grande impasse do ensino remoto estaria centrado em dois elementos: “a limitação do acesso à tecnologia e a falta de formação docente e discente” (CASTIONI *et al.*, 2021, p. 400). E tais elementos limitadores parecem não ser efetivamente problemas, afirmam Castioni *et al.* (2020, p. 399), pois no caso do ensino superior, os dados que apresentam revelam que apenas 2% dos estudantes desse nível de ensino não possuem acesso, bastando “viabilizar internet e letramento digital aos 2% sem acesso”. Com relação ao segundo impasse, a formação, particularmente a docente, parece emergir pela literatura produzida no contexto da pandemia como a tábula da salvação do ensino remoto.

Barros Lima e Mota Neto (2021, p. 26), por exemplo, realizaram uma revisão sistemática de literatura, objetivando identificar os desafios docentes na pandemia, e concluíram que o ensino mediado pelas tecnologias digitais é uma “ferramenta importante para o processo de universalização do ensino”. Mas, segundo os autores, a universalização (e sabe-se lá o que isso quer dizer) não tem acontecido, pois “há uma necessidade de uma formação continuada para professores e em especial para os docentes da educação básica no uso dessas tecnologias” (BARROS LIMA; MOTA NETO, 2021, p. 26). O maior problema do ensino remoto, afirmam, é o fato de “grande parte dos professores não receberam formação para realizar as aulas em plataformas digitais, causando insegurança e um desafio na sua prática pedagógica” (BARROS LIMA; MOTA NETO, 2021, p. 15).

Vieira e Secco (2020, p. 1027) também afirmam que o ensino remoto somente pode ser de qualidade se os professores tiverem “competência digital”, definida pela capacidade “técnica em relação ao uso de plataformas e dos recursos digitais, na capacidade de organizar e orientar didaticamente o processo de ensino-aprendizagem à distância, na presença virtual constante e na habilidade para ler e escrever com fluência em ambientes digitais”.

Moreira, Henriques e Barros (2021) também falam em capacitação do professorado nas ferramentas e modelos de ensino remoto, prontamente trazendo uma lista de *deveres* aos docentes: guiar, acompanhar, motivar, dialogar, ser líder e mediador, moderador nas relações inter e intrapessoais, criador de recursos digitais, avaliador de aprendizagens e dinamizador de grupos e interações *online*, compreender as especificidades dos canais e da comunicação *online*, síncrona e assíncrona, melhorar sua performance etc. E, claro, todos esses “deveres” serão plena e satisfatoriamente alcançados se forem capacitados, tiverem formação para tudo isso. Simples assim.





Não obstante, claro que esse projeto de virtualização da educação não é simples. É preciso partilhar do alerta feito por Souza *et al.* (2021, p. 3) a respeito do que vem acontecendo nessa modalidade remota emergencial:

Do ponto de vista do ambiente de trabalho, fazer do próprio ambiente doméstico o local de trabalho, em tempo integral, trouxe consequências pouco exploradas para a saúde dos profissionais da educação que sustentam, por longa data, esse híbrido entre compromissos contratuais e afazeres da vida privada.

Enquanto pode parecer simples e fácil “ficar em casa para dar aulas”, cotidianamente a coisa vivida é outra. Há excesso de trabalho para preparação das aulas e a configuração dos ambientes, as cobranças por relatórios e outros documentos retratando as estratégias adotadas, as mudanças constantes de resoluções institucionais etc., além da frustração de ver todo o esforço físico e mental para sustentar tudo isso, quase sempre, ressoar no vazio¹³. Ah, mas dizem por aí que esse é o “novo normal”, e que mesmo a pandemia sendo superada, com a vacinação de toda população e voltando a nos aglomerar nas instituições de ensino, grande parte do processo de ensino e de aprendizagem será virtual.

Não duvidamos disso, pois faz bastante sentido quando olhamos para a virtualização da educação como um projeto de capital. A esse respeito, não poderíamos ter articulado melhor as palavras do que Farage, Costa e Silva (2021, p. 228):

Como todo sistema permeado por contradições, a apropriação do ensino remoto passa a ser uma defesa não apenas dos que assumidamente são liberais, neoliberais e de extrema direita, mas também de uma parte dos que se consideram progressistas. Com justificativas mais elaboradas, que partem da aparente demanda das classes populares e da inevitabilidade da situação, amplos setores do movimento docente passaram a incorporar o ensino remoto não como uma bandeira de preservação da vida, mas como algo inevitável diante do chamado “novo normal”, de um mundo mediado pela tecnologia. Assim, para além de limitar o ensino remoto a um momento excepcional, e admitir as perdas profundas desse modelo, passaram a defender a transposição das grades curriculares e dos processos de ensino e aprendizagem, como se fosse possível transpor o intransponível.

Mais ainda, pois os autores tendem a acreditar que a emergência do ensino remoto, calcada pela necessidade do distanciamento social da pandemia, servirá de alavanca para um futuro projeto maior de mercantilização da educação. Esse projeto terá como objetivo rebaixar ainda mais o sentido dado à educação escolar como transmissão de conteúdos curriculares e

¹³ Vale a pena conferir esta e outras reportagens correlatas: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/2021/04/15/professora-se-emociona-ao-ver-unico-aluno-entrar-em-aula-online-amor-de-ensinar.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2021.





preparação para exames externos globalizados, servindo à certificação das pessoas, bem como à manutenção de um *status quo* em que há poucos donos do mundo e muitos serviçais à sua disposição. Eis o que afirmam:

Essa estratégia de modalidade de ensino a distância que, em nossa avaliação, provoca um rebaixamento da qualidade de ensino, é considerada pelo capital como uma forma de reduzir custos, certificar em larga escala e esvaziar o sentido pleno do processo de ensino-aprendizagem (FARAGE; COSTA; SILVA, 2021, p. 228).

Ao que tudo indica, a pandemia da Covid-19 terá efeitos duradouros na humanidade. Quando sairmos dela, tornando-a mais um registro lamentável na história, as coisas não poderão voltar a ser como eram em 2019 e nos primeiros dois meses de 2020. Mas, não é suficiente dizer que estamos construindo um “novo normal”, no qual é preciso reinventar-se virtualizando-se.

A educação pós-pandemia, principalmente, não pode ceder às pressões neoliberais que demandam redução de custos e padronização. Pelo contrário: deve resistir à sua automação e ter como prioridade a humanização. Nada de contato inerte mediado pelas telas, seus *gadgets* e fibra-ótica, mas pela presença e pelos afetos que mobilizam os sentimentos e emoções, ou seja, a humanidade em cada um de nós. Eis a utopia.

Passada a pandemia: momento de esperança

A humanidade necessita urgentemente de um novo conhecimento que proporcione “saber usar o conhecimento” para a sobrevivência do ser humano e para a melhoria da qualidade de vida. Esse conceito de conhecimento constitui um guia para a ação - o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem-estar social - poderia ser chamado de ciência da sobrevivência e é um pré-requisito para a melhoria da qualidade de vida. Eu adoto a posição de que a ciência da sobrevivência deve ser construída sobre as ciências biológicas e se estender além de suas fronteiras tradicionais e incluir os elementos mais essenciais das ciências sociais e humanas com ênfase na Filosofia, que estritamente falando significa “amor à sabedoria”. Uma ciência da sobrevivência deve ser mais do que uma ciência particular, e por isso proponho o termo Bioética para enfatizar seus dois ingredientes mais importantes para alcançar aquele novo conhecimento que é urgentemente necessário: o conhecimento biológico e os valores humanos (POTTER, 1971, p. 8, tradução nossa¹⁴).

¹⁴ Tradução livre do original: “La humanidad está urgentemente necesitada de un nuevo saber que proveerá ‘el conocimiento de cómo usar el conocimiento’ para la supervivencia del hombre y para el mejoramiento de la calidad de vida. Este concepto de saber constituye una guía de acción - el conocimiento de cómo usar el conocimiento para el bienestar social - podría ser llamado ciencia de la supervivencia, y es un prerequisite para el mejoramiento de la calidad de vida. Me afilio a la posición de que la ciencia de la supervivencia debe ser construida sobre las ciencias biológicas y extenderse más allá de sus fronteras tradicionales e incluir los elementos más esenciales de las ciencias sociales y las humanidades con énfasis en la Filosofía, que en sentido estricto significa «amor a la





Van Potter (1971) gritou por socorro ao alertar sobre as condições da humanidade, em 1971, e a necessidade de estarmos formados em defesa da vida. Hoje, sem dúvida, o momento presente coloca à prova a nossa esperança, revela de que somos feitos, que estamos indignados, estamos cheios de coragem; mas atraímos nossa resiliência e sabedoria e resistência; revelamos o nosso amor pela humanidade e nos enchemos de um futuro de esperança baseado numa visão otimista, utópica e onírica de Paulo Freire, mas, que muito bem poderia se revelar realidade no futuro da educação escolar.

O que nos espera depois da pandemia? Um “novo normal”, como se diz por aí, no qual tudo foi “reinventado”? Pois nada foi reinventado: o *status quo* ainda está posto e bem vivo. As coisas migraram com mais intensidade para as plataformas virtuais, inclusive o trabalho da educação.

Será que conseguiremos superar o estigma de que “professores precisam de mais formação” e adentrar à lógica de que os “professores precisam de mais suporte”? Pois tudo que é ruim na educação escola recai no professorado (BICUDO, 2003). Vejamos: pouco importava se no mundo anterior à pandemia não havia giz para lousa, as salas de aula estavam abafadas e superlotadas e o alunado era levado à escola com fome e sem material para estudar – a solução estava na formação continuada, que deveria acontecer por meio de cursos rápidos de capacitação sobre as teorias da aprendizagem e as moderníssimas metodologias ativas. Já no mundo emergencialmente remoto da pandemia, é preciso capacitar os professores para usar a internet e seus *gadgets* muito bem elaborados para ensinar virtualmente, mesmo que não se tenha condições de pagar por acesso adequado, que os equipamentos de uso pessoal sejam obsoletos e não exista lugar apropriado para exercer a profissão dentro de casa.

Seria esse o “novo normal”? Um mundo em que cada um se “reinventa” para dar respostas a um modelo opressor de sociedade, no qual se encontram culpados para os problemas gerados pelo próprio modelo lá na pontinha do iceberg?

Esperamos que não.

Reiterando, falamos da educação e da docência pois são esses os lugares que escolhemos ocupar.

Lutamos pelo direito à vida, uma bioética complexa que nos revela suas ações como ética da vida, da sabedoria como arte de habitar o planeta. Resistimos por meio de uma ecosofia

sabiduría». Una ciencia de la supervivencia debe ser más que una ciencia particular, y por lo tanto propongo el término Bioética para recalcar sus dos más importantes ingredientes para alcanzar ese nuevo saber que se requiere con urgencia: conocimiento biológico y valores humanos”.





como arte de habitar o planeta, sendo a ecosofia “uma pragmática existencial cósmica, crítica cujas interpretações seguem uma lógica plural com sentido cultural e complexo, mas, ao mesmo tempo, comprometida com o destino do ser humano e da Terra” (PUPO, 2017, p. 10, tradução nossa¹⁵). A partir disso, entramos na crise da pandemia que revela uma oportunidade de promover uma outra forma de ser que nos define como seres cheios de solidariedade e amor.

Acreditamos que é um momento único que temos para nos retificar enquanto espécie; para reparar nossos erros e perceber a fragilidade de nossas vidas, do despreparo do sistema global de saúde, e o quanto os Estados devem estar preparados para atuar de maneira assertiva em situações semelhantes no futuro. Mas isso também nos possibilita valorizar a imensa criação que é o planeta, percebendo a complexidade dessa terra-pátria, na qual, ao nos afetar em uma parte, o todo é afetado. Vemos que essa dependência nos permeia, e devemos trabalhar juntos para elevar nossa complexa conformação ecosófica e bioética, abrindo caminho para a defesa da vida.

Recordemo-nos de palavras sábias, que recuperamos nos antigos escritos, e que bem podem nos conduzir a outros cenários de valorização da vida e do propósito da felicidade do ser humano. Escritos que podem resgatar a essência filosófica de que viemos para servir e ser felizes, religando nossa responsabilidade diante de nossa falta de solidariedade e de comportamentos anti-humanos:

Aristóteles já dizia que a ética deve buscar a “vida boa”. Assim, a bioética é a confluência de vários saberes, para buscar uma nova arte de viver em uma sociedade muito diferente da grega de Aristóteles, e essa nova arte de viver está inserida nas múltiplas inter-relações da existência atual. Ela busca o bom comportamento em relação a uma sabedoria (“ciência com consciência”, reflexividade, princípio da precaução ...) da Vida em uma sociedade coevolutiva entre o ser humano e a natureza, na evolução que leva ao verdadeiro desenvolvimento humano (“evo-devo”) em meio a mudanças rápidas e profundas (GOLDIM, 2014, p. 7, tradução nossa¹⁶).

Assim nos alimentamos de fé e esperança, recobramos nosso senso ético e tentamos superar nosso próprio conhecimento; tudo isso “para salvaguardar o milagre cósmico que o surgimento da vida representa” (COLLADO, 2016, p. 54, tradução nossa¹⁷). Mas, para isso,

¹⁵ Tradução livre do original: “una pragmática existencial cósmica, crítica cuyas interpretaciones siguen una lógica plural con sentido cultural y complejo, pero al mismo tiempo, comprometida con el destino del hombre y la Tierra”.

¹⁶ Tradução livre do original: “Ya Aristóteles decía que la ética debía buscar la “vida buena”. Así la bioética es la confluencia de diversos saberes, para buscar un nuevo arte de vivir en una sociedad muy distinta a la griega de Aristóteles y, este nuevo arte de vivir está incrustado en las múltiples interrelaciones de la existencia actual. Ella busca el comportamiento bueno en relación con una sabiduría (“ciencia con conciencia”, reflexividad, principio de precaución...) de la Vida en una sociedad coevolutiva entre el ser humano y la naturaleza, en la evolución que lleve al verdadero desarrollo humano (“evo-devo”) en medio de cambios rápidos y profundos”.

¹⁷ Tradução livre do original: “para salvaguardar el milagro cósmico que representa la emergencia de la vida”.



temos muitas dúvidas: A educação tem sido voltada para privilegiar a vida ou para manter o estado de competição entre as pessoas, mesmo durante a pandemia? Quais valores éticos, de solidariedade e compaixão têm sido nossa base em tempos de crise? As políticas de Estado colocam a vida em primeiro lugar? O que acontece com o cuidado dos mais vulneráveis, como idosos e pessoas em condições econômicas negligenciadas? Os sistemas de ensino em geral continuarão a manter seus conteúdos curriculares antes da formação humana?

São questões que para a educação libertadora permeia as mudanças necessárias para privilegiar a vida. Isso porque a conscientização urgente em tempos de crise “implica que, quando o povo se dá conta de que está sendo oprimido, compreende também que pode se libertar na medida em que consegue modificar a situação concreta em meio ao qual se percebe oprimido” (FREIRE, 1974, p. 25, tradução nossa¹⁸).

Em meados do centenário do nascimento de Paulo Freire, no presente ano de 2021, o povo ainda é oprimido, morre na rua, tem medo de um atentado contra a própria vida; muitos não conseguem comprar oxigênio, muito menos tem o que comer nesse mundo de quarentena total, provocado pela pandemia da Covid-19. As pessoas são maltratadas em suas próprias casas, sendo os professores explorados na frente de um computador para realizar tarefas às quais não foram capacitados e nas quais não acreditam e nem veem significado, e para as quais não foram nem ao menos instrumentados com equipamentos, para acesso virtual e ergonômicos. Utilizam o que tem e como podem. Enquanto isso, os menos favorecidos na exclusão de tecnologias têm cada vez menos oportunidades de continuar seus processos de formação, seja a certificação da educação básica ou superior.

Não obstante, ainda temos esperança para o futuro; mas vamos com Paulo Freire denunciando o modelo de opressão que temos nas escolas, que reproduz o modelo de opressão social, inclusive e de forma mais acirrada na pandemia. É urgente tomar consciência dessa realidade e pensar em formas de resistência – no nosso caso, pela educação (é possível? será possível? seguimos nos perguntando...).

Voltamos sempre à Paulo Freire, buscando em seu legado uma práxis política a serviço da libertação permanente do ser humano, que atenda essa realidade em meio a uma pandemia, levando a uma transformação radical das estruturas, no processo das quais as consciências são transformadas (FREIRE, 1974). Sem consciência, sem transformação; sem transformação, sem esperança. Esse movimento de consciência-conscientização que diz aos mais privilegiados que

¹⁸ Tradução livre da versão em língua espanhola: “implica que, cuando el pueblo advierte que está siendo oprimido, también comprende que puede liberarse a sí mismo en la medida en que logre modificar la situación concreta en medio de la cual se percibe como oprimido”.





o vírus que permeia o mundo inteiro mata igualmente, não importa se os privilegiados estão encapsulados no seu egoísmo, na sua escassa humanidade; o vírus também contamina aqueles que proclamam pensar que a morte seria para aqueles que os atrapalharam, como os mais pobres e os idosos, porque já não contribuíram para o sistema econômico mundial. Esperamos que essa falta de consciência se vá, junto com a pandemia.

Nesses momentos de crise, vemos que a felicidade não está nas viagens, nos pertences e nem em nada adquirido por vias de uma economia de sucesso. Vemos que o ser humano esqueceu sua responsabilidade ética de ser feliz e colaborar para que o outro alcance sua plenitude; esquecemos a complexidade da felicidade, que não se reduz à prosperidade afetiva. O ser humano deve refletir para construir sua vida segundo os valores: o respeito pela vida é urgente, mas o amor e a solidariedade fazem parte dela. Na complexidade da felicidade, nem liberdade nem responsabilidade podem ser negligenciadas em face do comprometimento de nossas ações. *Ser feliz pressupõe que o ser humano seja capaz de alcançar um equilíbrio que supere suas contradições e conflitos?* Claro que sim, se o ser humano quer ser feliz, não deve esquecer que a felicidade é o resultado de uma conquista, de suas ações e de sua consciência.

Nesses momentos, dar esperança, solidariedade e amor é alertar, com Paulo Freire, a falsidade em meio ao tratamento desumano que carregamos com nossas ações; bem como falsas políticas educacionais; mas, também, alertar sobre o individualismo que nos permeia. A pedagogia dos oprimidos, acompanhada por um humanismo autêntico, que não é um humanitarismo estéril, se exterioriza esplendidamente como uma pedagogia do ser humano, uma pedagogia que começa com os interesses egoístas dos opressores; que é um egoísmo envolto em falsa generosidade paternalista, materializando-se, na crise, pela falsa ajuda, a qual “torna os oprimidos objetos de seu humanitarismo, e que por si só sustenta e representa a opressão. É um instrumento de desumanização” (FREIRE, 1990, p. 36, tradução nossa¹⁹).

Voltemos a Paulo Freire mais uma vez com um coração virtuoso; a virtude é a melhor habilidade, modo de ser. Tem a ver com a função da nossa alma, que é fazer com que as pessoas vivam bem e “a função da virtude será a de uma vida boa e, como tal, o bem perfeito: felicidade; a felicidade é o melhor e os melhores fins e bens estão na alma” (ARISTÓTELES, 2011, p. 27-35, tradução nossa²⁰). *Quão urgente é essa necessidade de bens cada vez mais bem alojados em nossa alma para alcançar a compaixão?* É urgente saber viver com o outro, respeitando a

¹⁹ Tradução livre da versão em língua espanhola: “hace de los oprimidos objetos de su humanitarismo, y que por sí misma mantiene y representa la opresión. Es un instrumento de deshumanización”.

²⁰ Tradução livre da versão em língua espanhola: “la función de la virtud será la de una vida buena y como tal el bien perfecto: la felicidad; la felicidad es lo mejor y los fines y bienes mejores están en el alma”.





natureza e tudo o que habita a terra, como uma consciência de formação humana, generosa, mas também percebendo o verdadeiro sentido ecosófico da vida.

Em meio a essa educação tecnologizada imposta, na falta de contato humano, lúdica no olhar nos olhos e no reconhecimento de nós mesmos, na qual a qualidade de uma educação libertadora é escassa, devemos retomar o legado freiriano e revelar que educar é conhecer criticamente a realidade, no sentido de que a educação está carregada de significados dos atores do processo educativo. A educação deve permitir a criticidade da crise em que o educando está imerso, afinal “a educação é considerada como um ato de conhecimento, uma consciência da realidade, uma leitura do mundo que antecede a leitura da palavra” (FREIRE, 1983, p. 51, tradução nossa²¹). Essa palavra de que fala o pedagogo é semear; a palavra não como som, mas como ato de ser-estar-construir e, portanto, de conhecer no mundo. Este fato é essencial, pois educar não é impor realidades alheias ou aceitar de forma submissa a nossa própria realidade, sem se tornar um agente de mudanças.

A crítica retorna à consciência freiriana, sendo esta inseparável da libertação; liberação conforme ocorre a conscientização, que é “o olhar mais crítico possível da realidade, e que a revela para conhecê-la e conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (FREIRE, 1973, p. 39, tradução nossa²²). Para Paulo Freire, é clássico saber educar como ato de imposição do que deveria ser emitido pelo sistema, o que torna o alunado submisso e cheio de culpa por não aceitar sua realidade crua e injusta como necessária, pois, aí, o ser humano é inferior e precisa ser civilizado conforme o projeto modernista de sociedade. *O que dizemos aqui se parece com alguma realidade? Alguma realidade do Sul, que educa para oprimir? Deixamos essas realidades latejando no corpo, mente, alma e espírito para ponderar sobre: O que é a vida? E como viver sendo verdadeiros seres humanos solidários com o amor? Ponderações que remetem à pergunta: O que é educar a partir de Paulo Freire?* (RODRÍGUEZ, 2021).

Finalizando, ou algumas lições da pandemia para a Educação

Como se não bastasse ter que lidar com a absoluta excepcionalidade de um momento de pandemia, esse contexto impôs morte, tristeza, sequelas ainda não mensuradas de uma doença ainda pouco conhecida e se encontrou com as demandas do projeto do capital que avidamente se aproveitou desse momento

²¹ Tradução livre da versão espanhola: “la educación es considerada como un acto de conocimiento, una toma de conciencia de la realidad, una lectura del mundo que precede a la lectura de la palabra”.

²² Tradução livre da versão espanhol: “es la mirada más crítica posible de la realidad, y que la desvela para conocerla y conocer los mitos que engañan y que ayudan a mantener la realidad de la estructura dominante”.





para impulsionar, em várias áreas, seu projeto do lucro acima da vida (FARAGE; COSTA; SILVA, 2021, p. 227).

Essa experiência com isolamento social mostra que é preciso reconhecer que não há pandemia que possa impedir a relação entre professores e estudantes, haja vista as diversas experiências positivas realizadas no contexto do Ensino Remoto que demonstram que, quando se encontram professores e estudantes, não há distância física que possa deter a descoberta e a construção de proximidades. Entretanto, o distanciamento também escancarou a importância do ensino presencial, e não tão somente virtual, como contexto para o apoiar, o acompanhar, ver e sentir, decifrar olhares e silêncios. Importante ressaltar que não é o fato de ser presencial que determina se a educação é boa ou não, mas o colocar a educação a serviço da verdadeira humanidade de cada pessoa. Por isso mesmo, buscamos contrariar a perspectiva de educação centrada nos interesses e “necessidades” empresariais-financeiros-neoliberais.

Assim, parece ficar cada vez mais clara a importância da educação no presente e para a construção de futuros promissores para a humanidade. Isso porque só há futuros prósperos para a sociedade se a educação fizer parte do presente. Sem educação as pessoas não mudam e se as pessoas não mudam, o *status quo* permanece, como já havia alertado Paulo Freire

É nessa perspectiva que reconhecemos também que a pandemia nos ensinou o valor e a necessidade urgente da educação como contexto que fomenta a solidariedade universal. Essa lição nos ajuda a compreender que a educação é, necessariamente, contexto para se buscar superar a indiferença e ajudar cada pessoa a sentir-se muito mais próxima nas relações de alteridade; ou, em outras palavras, esforçar-se para a existência da solidariedade e de um verdadeiro compromisso sério e ético para uma vida digna para todos. A educação é, assim, “lugar” onde aprendemos e praticamos a solidariedade.

É nesse mesmo contexto que emergiu, entre outras, a consciência de que uma boa educação é aquela que ajuda cada um a interessar-se pelos outros, conhecer-se e ajudar-se mutuamente. Com isso não queremos dizer que precisamos ter uma visão demasiadamente otimista, ou até mesmo ingênua, que não reconheça as implicações da lógica neoliberal e/ou dos interesses do mercado de trabalho e da indústria sobre a educação. Ao apresentar esse argumento, não podemos esquecer de dizer que “nem toda educação é boa”. Trata-se, assim, da denúncia do uso da educação pública, muitas vezes, para alimentar os ideais neoliberais voltados para manutenção de um status quo, e, assim, também do perigo de se “formar” uma legião de sujeitos meros objetos do sistema econômico-político-social, desigual e excludente.

Por isso, o que precisamos é empenhar-nos na construção de uma educação que coloque verdadeiramente no centro o processo de humanização de cada pessoa. Com isso, queremos





chamar a atenção para o fato de que nenhum profissional de educação pode se eximir da responsabilidade social e política de contrastar os pressupostos neoliberais e se empenhar na construção de uma educação efetivamente a favor do conhecimento e da emancipação humana. Não é tarefa fácil, sabemos, mas é necessária. Trata-se, assim, da compreensão desses profissionais como sujeitos que, atraídos pelo interesse em contribuir para o bem comum, são partícipes da construção de uma educação a serviço/e para o bem comum.

No cerne das lições apreendidas neste período de pandemia está, assim, a compreensão de que cada pessoa não é um ser solitário e, por isso, não pode viver na solidão, auto isolado; nem mesmo fechar-se em si mesmo. Ao contrário, a pandemia nos fez perceber a necessidade de encontrarmos-nos uns com os outros; juntarmos-nos; ajudar-se, interessar-se pelo outro com o devido respeito pela pessoa do outro, e seus direitos. Com isso, cabe reiterar que uma boa educação é aquela que promove o encontro entre os sujeitos e, ao mesmo tempo, o contato desses mesmos sujeitos com a realidade como ela é de fato. É nesse sentido que o ensino presencial, que abarca necessariamente o ver/sentir e decifrar, como dito acima, gestos e expressões, silêncios e linguagem corpórea, não pode ser posto em risco; tampouco se permitir a tendência de naturalização do que é hoje provisório e excepcional, por trás da qual há, muitas vezes, interesses de poder de inclinar a educação pública ao mercado de trabalho e seus pressupostos neoliberais.

Isso posto, somente podemos concordar com Farage, Costa e Silva (2021, p. 253): “resistir para que o provisório e excepcional não se torne permanente será nossa principal tarefa no período pós-pandemia”. Nessa perspectiva, somente o ensino presencial é capaz de unir verdadeiramente a humanidade com a realidade social-política existente; foi isso, sobretudo, que a pandemia nos ensinou.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética Eudemia**. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

BARROS LIMA, H. A.; MOTA NETO, I. B. Desafios encontrados pela docência no ensino remoto diante da pandemia: uma revisão bibliográfica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 15-28, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.51891/rease.v7i4.940>

BICUDO, M.A. V. A formação do professor: um olhar fenomenológico. In: BICUDO, M. A. V. (org.). **Formação de Professores?** Da incerteza à compreensão. Bauru: EDUSC, 2003. p. 19-46.





BIZELLI, J. L.; SANTOS CRUZ, J. A.; BIZELLI, T. V. Ementa do dossiê “Escola no Brasil: tempo, espaço e pandemia”. Disponível em:

<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/index>. Acesso: 16 abr. 2021.

CASTIONI, R. *et al.* Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 399-419, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903108>

CHARZUK, S. B. Sustentar a transferência no ensino remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109145, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109145>

CHOMSKY, N. **Internacionalismo o extinción**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Amsterdam: TNI - Transnational Institute, 2020.

COLLADO, J. La bioética como ciencia transdisciplinar de la complejidad: una introducción coevolutiva desde la Gran Historia. **Revista Colombiana de Bioética**, Bogotá, v. 11, n. 1, p. 54-67, 2016.

CORRÊA, L. R.; SILVA, R. L. A escola e seus silêncios: educação em tempo de pandemia. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 193-205, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.37780/dsch.v21i2.3454>

FARAGE, E. J.; COSTA, A. J. S.; SILVA, L. B. A educação superior em tempos de pandemia: a agudização do projeto do capital através do ensino remoto emergencial. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 13, n. 1, p. 226-257, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.43757>

FREIRE, P. **El mensaje de Paulo Freire**. Textos seleccionados por el INODEP. Fondo de Cultura Popular. Madrid: Editorial Marsiega, 1973.

FREIRE, P. Conscientization. **Cross Currents**, Buenos Aires, v. 24, n. 1, p. 23-28, 1974.

FREIRE, P. **El acto de leer y el proceso de liberación**. México: Siglo XXI, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. Nueva York: Continuum Publication, 1990.

GOLDIM, J. Bioética Complexa: um enfoque englobante para o processo de tomada de decisão. *In*: RAYMUNDO, M. M. (Ed.). **Bioética e laicidade: vida e diversidade em conexão**. Curitiba: Prismas, 2014. p. 37-55, 2014.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.N34.17123>

POTTER, V. R. **Bioethics: bridge to the future**. Nueva Jersey: Hall, Inc. Englewood Cliffs, 1971.

PUPO, R. **La cultura y su aprehensión ecosófica**. Una visión ecosófica de la cultura. Alemania: Editorial Académica Española, 2017.





RODRÍGUEZ, M. E. ¿Qué es educar desde Paulo Freire? Educar es formar sujetos problematizadores como el andariego de la utopía. **Revista Educare**, San Paulo, v. 5, p. 1-23, 2021.

SILVA, E. H. B.; SILVA NETO, J. G.; SANTOS, M. C. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico**, Vitória, v. 1, n. 4, p. 29-44, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.31695>

SOBRINHO JUNIOR, J. F.; MORAES, C. C. P. A COVID-19 e os reflexos sociais do fechamento das escolas. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 128-148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18249>

Como referenciar este artigo

FORTUNATO, I.; RODRIGUEZ, M. E.; ARAÚJO, O. H. A. Educar em tempos de pandemia: algo possível? **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 350-368, maio/ago. 2021. e-ISSN: 1982-8632. DOI: <https://doi.org/10.26843/v14.n2.2021.1127.p350-368>

Submetido em: 10/03/2021

Revisões requeridas: 20/05/2021

Aprovado em: 10/07/2021

Publicado em: 01/08/2021

